

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A PRODUÇÃO DE TEXTO EM SALA DE AULA

Florisvaldo Gonçalves da Cruz

Exl
C 9256 9523

81142
C 955-p

mao

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG N°. 6270
Data 26 / 07 / 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A PRODUÇÃO DE TEXTO EM SALA DE AULA

Florisvaldo Gonçalves da Cruz

Ensaio Monográfico para a conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em Letras –
Universidade do Estado de Mato Grosso –
Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por me dar forças para ultrapassar os obstáculos, vencer todos os tipos de dificuldades que queriam me reter no escuro.

Aos meus filhos e a minha esposa que me deram forças para ir em frente.

Às pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse não ao fim, mas ao início dessa luta.

A você Salete Crestani Vargas, pelas palavras de ânimo que me transmitiu durante este período.

Ao prefeito de Conquista D' Oeste, por nos apoiar com o transporte para a UNEMAT.

A você José Medrado de Souza, nosso motorista que enfrentou essa batalha com tantas dificuldades, mas sempre paciente.

A todos os professores que me acompanharam durante essa jornada.

A minha orientadora, professora e amiga Tereza Pazos da Silva.

A toda a turma, que durante oito semestres esteve junto comigo.

E a você amigo de tantas lutas! Quanta alegria! Quanto apuro! Quanto ódio! Quanta ignorância! Mas que boa recompensa! Isso somos nós. Meu melhor amigo Odair José Vargas.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em circunstâncias escolhidas por eles mesmos, e sim em circunstâncias diretas de dados herdados do passado.

Karl Marx

SUMÁRIO

Apresentação	06
Fundamentação Teórica	08
A Produção nas Salas de Aula	17
O Nível de Produção na Concepção da Professora	21
Considerações Finais	23
Bibliografia	24
Anexos	25

APRESENTAÇÃO

Optei por estudar a temática “A produção de texto em sala de aula”, porque após dez anos atuando na área de educação como professor e também como diretor de escola, percebi que a produção de texto é pauta de todas as reuniões pedagógicas. São inúmeras as queixas dos professores de que nossos alunos não aprendem a Língua Portuguesa. Estaria a origem deste problema no fato de se trabalhar a produção de texto eminentemente na disciplina de Língua Portuguesa? Seria o método de trabalho do professor um dos geradores desta circunstância?

Com base nessas questões que envolvem a produção de texto comecei meus estudos acerca da temática. A partir das leituras efetuadas constatei que o texto não possui um limite ou uma fronteira que diz que essa ou aquela disciplina é responsável por produção de texto. Também não podemos tentar compreender o texto apenas a partir dos aspectos lingüísticos:

O texto é texto porque significa. Então, para a análise do discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito com o mundo. (Orlandi, 2000:69)

Nessas questões referentes a temática da produção de texto é que quero centrar a minha análise. Parti de observações feitas em sala de aula, entrevista com professores que trabalham na área de língua e ministram aulas na Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Cirila Francisca da Silva”. Também fiz leituras de diversas obras que me embasaram teoricamente, pois entendo que a partir de uma determinada teoria encontramos um significado para nossa prática. Esse trabalho foi feito nas quintas séries do Ensino Fundamental da escola a que me referi. Selecionei a escola acima mencionada como objeto de minha pesquisa por ser da zona rural porque segundo alguns estudiosos, alunos da zona rural apresentam o maior índice de dificuldade na produção textual. Este problema pode ter como fundamento o fato de os alunos da zona rural não terem acesso aos meios de informações tais como: revistas, jornais, biblioteca, Internet, televisão, ou até mesmo por outros meios informativos.

Outro fator pode ser o modo como o professor trabalha com a produção de texto. De modo geral, e este é o nosso caso, o professor rural não pertence àquela região, vai da cidade para lecionar no campo e é possível que o professor encontre dificuldade na mediação entre as duas realidades: a urbana e a rural. A preocupação com tais fatores aliada

ao fato de que estou prestes a me tornar um professor da área de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas levou-me a estudar a temática proposta.

Tomando como referência a problemática aí posta e a concorrência no mundo globalizado da atualidade, concluímos que a produção propicia ao indivíduo meios para ingressar no mercado de trabalho com mais facilidade, partindo do pressuposto que a produção faz com que os alunos despertem em si a construção de novas idéias e também desenvolvam o senso crítico qualificando-se ao meio interno ou externo. Para acompanhar todo o mundo tecnológico têm-se a necessidade de criar e buscar fontes de informação, críticas e seguras, partindo de seu próprio meio, valendo-se do espaço já conquistado.

A proposição deste trabalho não consiste em fornecer receita de como se dá aula de produção de texto e sim proporcionar uma reflexão sobre as condições de produção de texto na sala de aula. De modo geral, o professor, na prática de produção de texto tal como tem sido efetuada na sala de aula desconsidera o maior acervo que é o próprio aluno. E este só precisa ser estimulado, compreendido e incentivado. É importante perceber que o aluno tem uma vida, uma trajetória entre sua casa e sua escola, o mundo no qual está inserido é que constitui a sua história, história que subjaz à produção de texto. O que vimos hoje nas escolas são planejamentos, projetos, que na teoria pregam o trabalho com concreto, o real, mas quando vai para a prática o aluno trabalha textos que estão fora de seu contexto.

Baseado em tais fatores é que quero defender a necessidade de prática e teoria terem que caminhar juntos para alcançar o objetivo almejado tanto para o professor quanto para o aluno. A teoria tem como função definir a forma adequada e eficiente que satisfaz as perspectivas dos alunos. A prática é atuar em conformidade com o trabalho proposto. A teoria dá sentido àquilo que se faz.

Para alcançar o resultado esperado me vali de vários recursos tais como: pesquisa a campo, entrevistas, fundamentação teórica, dados levantados, análise dos dados frente às teorias, análise e confrontação teórica dos dados e considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando escrevemos livremente estamos, então, esculpindo a nossa vivência humana na trajetória de luzes e sombras que nos vai desenvolvendo nos vai comprometendo com tudo aquilo que acreditamos. (Severino & Barbosa. 1992:11)

A escola hoje por mais que tente desvincular-se do processo pedagógico tradicional encontra dificuldade, pois sabemos que ela ainda carrega consigo uma ideologia conservadora. Essa ideologia é transmitida pelas escolas que não conseguem se desvincular da prática tradicional que de modo geral como afirma Bernardo (1996) buscava e ainda busca explicar a prática de escrever a partir de dois prismas passados aos professores por décadas. *Duas noções opostas lhes foram transmitidas pela escola e pelos mais velhos: escrever é dom e escrever é uma questão de técnica. Não sabe com qual das duas fica.* (Bernardo. 1996:66)

Se para ser um bom produtor de texto tem que ter dom como afirmam os mais velhos e o aluno não tem inspiração jamais conseguirá produzir.

Por outro lado se a escola coloca que produção é uma questão de técnica o que fazer com aqueles que não dispõem de tais técnicas para escrever? Sabemos que muitos senão a maioria de nossos alunos não se enquadram em nenhum dos casos. Daí decorre que o aluno *além de desinspirado e sem dom, é burro. Logo, não tem mesmo jeito, o negócio é se conformar e enganar, escrevendo frases do mestre em qualquer ordem para ver se o dito cujo "cai nessa"* (Bernardo. 1996:66).

O professor está amplamente inserido no contexto dessa ideologia conservadora de escola fechada, elitista, cujas raízes podem ser encontradas no âmbito das esferas social, política, econômica e cultural que vem se arrastando por décadas. Não podemos nos esquecer que fazemos parte de uma educação neo-liberal, que faz com que o sistema de educação imposto por nossos governantes seja "mascarado". O discurso teórico colocado pela ideologia neo-liberal é adequado aos interesses capitalistas à necessidade de uma educação de qualidade, porém na prática, deparamos com: falta de recursos, professores mal remunerados e outros problemas que afetam a educação. Enfim, temos uma demanda de conhecimento muito bitolado pelas esferas dominantes.

Nossos professores, na maioria das vezes, são professores que passaram por esse processo das educação neo-liberal. Em função disso não conseguem fazer com que nossos alunos sejam críticos e coloquem suas idéias em prática apegados que estão em livros

didáticos. A consequência disto é a formação de alunos que não produzem textos de sua própria autoria, mas sim são orientados a produzir muitas das vezes o que não tem a ver com a sua historicidade. Em outras palavras o educando torna-se um escritor exclusivo para o professor deixando de ser um produtor de seu próprio texto a partir de sua identidade.

O escrever faz parte do ato de escrever o exercício de ler a dimensão do mundo, que se quer expressar. Por isso, dizer que escrever é um modo de viver é uma liberdade palpável através do qual transformamos em algo legível e assim transmissível ao outro, inclusive o que mora dentro de cada eu – o conjunto de fragmentos que somos feitos. (Barbosa & Severino. 1992.)

Segundo Geraldi (2000:118), o resultado insatisfatório de textos escritos nas escolas tem em sua origem desde a falta de leitura até a má aquisição de conceitos e regras técnicas. Para ele as inadequações dos textos estão aí, seja no quadro formal da escrita ou nas funções que a linguagem pode cumprir. As questões que se tenta descobrir são os porquês e os pontos em que ocorrem essas inadequações e o que elas nos revelam.

Nessa tentativa de descoberta vários outros conhecedores do assunto já tentaram buscar uma resposta, buscando caracterizar as condições de produção e procedimentos lingüísticos utilizados pelos estudantes.

As condições para a produção de texto propostos hoje pelas escolas são “vazias” tanto no quadro de produção quanto no quadro interpretativo.

Quando se propõe a produção de um texto o professor não elabora um cronograma que atenda o aluno, não se propõe técnicas eficazes para que o aluno desenvolva suas idéias, não se abre espaço às mais diversas formas de interpretação que podem ser exploradas pelos alunos. Enfim, as escolas desenvolvem junto ao aluno de modo geral.

Um trabalho acriativo, extremamente cansativo, que o despotencializa. Que o desumaniza. Um trabalho que tira completamente a vontade de ele mesmo escrever qualquer coisa tamanho o peso que o cansaço daquelas idéias e frases estropiadas que devolve ao mestre as contradições de sua profissão (e da sociedade calada porém barulhenta). (Alberto & Tezze. 1996:67)

Para Lajolo, (1993:18) o texto dá significado ao mundo ou o mundo nada significa. Ou os alunos produzem um texto onde o leitor pode compreender as idéias nele contidas ou os escritos tornam-se apenas um amontoado de frases soltas sem nenhum sentido convincente. Esta circunstância pode ser gerada quando os textos são trabalhados de forma

muito abstrata e superficial sem nenhuma motivação, ou possivelmente em decorrência da falta de leitura do próprio professor que o impossibilita de buscar o tempo e a história do tema proposto, os principais pontos críticos existentes dentro dessa história. O professor atua muito mais como o único leitor da face da terra, observador de “erros” ortográficos, concordâncias e gramática do que no sentido de propiciar a produção de texto propriamente dita.

Porém se por um lado a correção irrestrita e sem fundamento é um problema na escola, por outro lado temos que ter cuidado com a situação oposta que deixa o aluno totalmente à deriva. Segundo Lajolo (1993)

Circulam com sucesso crenças como a de que professor não deve corrigir o texto dos alunos, que ele deve deixar o aluno escrever como fala, que a escola deve respeitar o dialeto do aluno, que redação não deve ter nota e outras similares afirmações e negações. E todas e cada uma delas tomada fora do contexto em que foram formuladas, e aplicadas a toque de caixa, em atividades que variam de exercícios propostos por livros escolares a metodologia desenvolvida em cursos relâmpagos... (Lajolo. 1993:18)

Para Bernardo (1996), o aluno articula mal seus pensamentos e os principais agentes por essa falta de expressão, segundo o autor seriam: a escola, os professores, a família e o estado. A escola usando um método pedagógico quase que tradicional fragmenta as frases e o raciocínio dos alunos. Os professores mal remunerados e sem estímulo muitas vezes sequer conseguem redigir um plano de curso. A família não possui nenhum hábito de leitura muito menos de redigir e reclama que a juventude “não lê” ou em outros casos não tem acesso a nenhum material impresso dado a precariedade da situação financeira. O estado que tem a educação como um espaço de dominação tanto política quanto econômica e social por sua vez restringe as idéias e o espaço do aluno (salas numerosas), propondo um currículo na maioria das vezes fechado, podendo assim as condições de trabalho do professor e o desenvolvimento imediato do educando.

A falta de articulação dos alunos está sendo tida como um mal em si mesmo, omitindo os males mais profundos. Um fracasso escondido por trás de paredes de vidros que só nossos governos não “enxergam”. Para Bernardo (1996) se lermos com atenção não só os textos redigidos pelos alunos, mas também os livros didáticos adotados, os editoriais de grandes e pequenos jornais, os discursos de grandes e pequenos políticos, a constituição do país e as teses dos juizes e doutores, vamos entender que a preocupação ética com a escrita está em falta no mercado geral das palavras *dos meios de comunicação ao Congresso Nacional há muitas sentenças entortadas*. A falta de escrita no mercado das palavras seria

reflexo da oralidade? Pois sabemos que para análise do discurso o importante é a intenção do locutor e a aceitação do interlocutor.

Já Kock e Dressler definem que a questão do discurso é uma sequência de eventos onde vários participantes apresentam textos com ações discursivas sendo a atividade verbal um recurso de planejamento interativo tendo como critério os padrões: intencionalidade e aceitabilidade.

A aceitabilidade depende de o interlocutor aceitar as informações como são colocadas e participar do “jogo” de regras. Para os autores tudo depende da contribuição do parceiro para alcançar o objetivo.

Para que haja aceitabilidade o texto deve ser compreensível e aceitável para o leitor. Esta aceitabilidade depende da coesão e da coerência que devem estar presentes no texto, porém dependem também de outros elementos. Não são unicamente esses elementos que vão definir o texto e o não texto. Para que o texto seja texto e tenha significado é necessário que haja a intenção do produtor e a colaboração do parceiro em aceitar. “um texto é coerente para alguém em dada situação de comunicação específica”. (C. F, por Van Dijk. 1983; Kock e Travaglia. 1989 e 1990). A construção da coerência para este alguém:

... deverá levar em conta não só os elementos linguísticos que compõem o texto, mas também seu conhecimento enciclopédico, conhecimento e imagem mútuos, crenças, convicções, atitudes pressuposições intenções explícitas ou veladas com iniciativa imediata, contexto sócio cultural e assim por diante (Kock. 1997:16)

Porém o que vemos é desvalorização de todas essas características que devem existir em um produtor de texto e em seu interlocutor. Tais características muitas vezes não são utilizadas pelos professores em sala de aula, pois trabalham fora do contexto dos alunos não aproveitam esses elementos que são fundamentais na produção textual.

Bernardo ainda afirma em seus escritos que a sala de aula está sendo uma redução da vida do aluno, pois transmite apenas comportamentos culturais de séculos atrás, onde o artista pintava para o mecena, os padres religiosos redigiam seus estudos para o papa. E o aluno?

Na escola o processo pedagógico tradicional ainda continua marcante. O aluno escreve para o professor. Ele não obtém uma resposta, sua produção escrita é encaminhada não para uma confirmação da capacidade de suas idéias mas sim para a aprovação ou desaprovação de um único leitor (mestre) perdendo assim a produção, seu objetivo principal

que é trabalhar a auto-confiança e a auto-estima do aluno. Toda essa problemática tem sua origem no sistema neo-liberal imposto, que busca enquadrar a educação dentro da visão dos países desenvolvidos cuja linha de pensamento está voltada para a competitividade visando atender aos ideais capitalistas. Neste modo de conceber a educação:

Professor e alunos são ambos vítimas da mesma imbecilização do pensamento da mesma animalização do comportamento. A nota é igual um torrão de açúcar e/ou ao chicote do urso amestrado. Quem enquadra se enquadra que digam os carcereiros, presos nas mesmas grades de seus presos. (Bernardo. 1998: 66)

Essa prática muitas vezes está vinculada ao uso indiscriminado e irrefletido dos livros didáticos que matam a historicidade do sujeito. Em educação não podemos esquecer a história da qual fazem parte tanto os nossos alunos quanto nossos antepassados. Devemos juntar passado e presente unindo idéias, fazendo analogias para construir o conhecimento. Também não devemos abandonar o livro didático ou tê-lo como um rival na construção do conhecimento, pois ele é e continuará sendo um norteador na prática pedagógica para a busca do saber, fazendo um paralelo entre o antigo e o inovador dentro das salas de aula.

Para construir o saber o professor precisa ser um mediador de idéias, ser o caminho e a fonte por onde os alunos vão firmar suas idéias, construir seus saberes. O mestre deve preencher as expectativas de seus educandos e não atuar como um ditador ao qual o aluno tem que ser seguidor irrestrito para alcançar a nota que será registrada no diário de classe medindo o conhecimento individual de cada aluno verificado através da “avaliação produtiva”. Franchini, na introdução de sua obra *A redação na escola*, nos afirma que:

Entre alunos há incertezas e ansiedades, devem conformar-se com um modelo prefixado de “bom aluno”, que só escuta, que obedece atento, dócil disciplinado e por esses méritos é avaliado. As qualidades de espírito crítico e reflexão são deixadas nas “introduções” e “programações de princípio,” sem inspirar uma prática efetiva quando não são apagadas e subjugadas à repreensão do mestre. (Englê. 1993)

A avaliação não é feita com base na capacidade do sujeito, mas em modelo de “avaliação” prefixado pelo avaliador. Esta forma de conceber o processo educativo se contrapõe à concepção de Orlandi (1987) para quem *o sujeito se representa de maneira diversa num mesmo espaço textual*. Para a autora a historicidade do ser humano é individual, e a história do sujeito tem que estar presente no texto que o mesmo compõe, pois cada

indivíduo possui um contexto próprio que não depende de influências, pois o texto é produzido a partir de sua interpretação coerente do mundo, e essa produção vai levar a história e a personalidade do próprio autor (aluno). Construindo portanto uma obra primária e não secundária ou seja produzindo e não reproduzindo de outra história. Neste processo a avaliação não pode ser algo vindo de fora que busque apenas a mensuração e a qualificação.

A noção do sujeito está ligada a noção ideológica existente em cada ser que vai abrindo espaço para as observações e reflexões sociais e aos traços ideológicos carregados pelo mesmo

Numa realidade histórica e social como a nossa em que se é obrigado a reconhecer que sempre se ocupam de determinadas posições (e não outras) no conflito construtivo das relações sociais, não se pode fazê-lo neutramente, ou seja, sob a ilusão de que não se está tomando posição nenhuma. (Orlandi. 1987:13)

Neste contexto o texto não pode ser visto apenas na perspectiva linear, deve ser trabalhado de maneira que o aluno tenha condições de expressar ou interpretar seus pensamentos de forma aberta, fazendo uso de sua própria interpretação de mundo.

Orlandi em seu artigo denominado "A D" fala de dois tipos de texto: o parafrástico e o polissêmico. Para ela o parafrástico é o texto parafraseado a partir de uma matriz da linguagem. Essa forma de texto está muito relacionada com a prática de produção desenvolvida hoje pelos professores, que no desespero em fazer com que os alunos "peguem no tranco" propõe-lhes que sigam idéias de outros textos, música, reportagem, contos de fadas e tantos outros modelos. Usam todos esses mecanismos para conseguir apenas uma cópia reproduzida e o pior de tudo é que consideram esta cópia como produção textual. Já a proposta do texto polissêmico dá ao aluno a liberdade de interpretar de sua forma os diferentes tipos de linguagens e as diferentes leituras que um texto pode conter dependendo da visão e da idéia do interlocutor, deixando que ele observe e encontre as fontes para a compreensão. O aluno, por si, já tem uma história de leitura. Isso gera a multiplicidade de sentidos. Para produzir, o aluno deve partir do seu meio devendo, o professor, respeitar a individualidade dos alunos dentro da sala de aula e não tratar a turma como um todo principalmente quando se trata de produção. Se existir respeito entre a posição histórica, social e econômica de cada aluno certamente haverá uma contribuição muito maior no que diz respeito a produção textual em sala de aula, assim a leitura de vida de cada um será o sustentáculo para a produção no tocante à qualidade. Produção e leitura são inseparáveis uma

não existe sem a outra: *A leitura, portanto não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relações de sentido em uma palavra de historicidade.* (Orlandi. 1989:9)

Para Infante (1996) os alunos não apresentam dificuldade em se expressar através da fala coloquial; as dificuldades só vão surgir no momento da produção. Para o autor, o aluno, para se expressar dispõe de vários mecanismos como: a intervenção do interlocutor pedindo explicação, a presença da pessoa física com quem fala no contexto e até de mudar o tom da conversação, podendo ainda o interlocutor se utilizar de gestos para explicar algumas situações.

Já na linguagem escrita o aluno não dispõe destes mecanismos para escrever o texto de modo que ele seja coerente e explique ao leitor a verdadeira idéia que se quer passar. O escritor não pode ser apenas um grafador da oralidade ele tem que ter um certo domínio dos recursos específicos da escrita e em especial da chamada “norma padrão”.

A escrita tem normas próprias, tais como: regras, ortografias, concordâncias que muitas vezes não são usadas na oralidade. Porém não adianta saber que escrever é diferente de falar. A preocupação maior deve ser a constituição do discurso, mantendo dentro do texto o significado evitando que o texto seja um amontoado de fragmentos isolados. Um texto tem que possuir elementos que estabeleçam ligações entre uma idéia e outra, ou seja um texto tem que ser coeso.

... o texto resulta de um trabalho de tecer de entrelaçar várias partes menores a fim de se obter um todo inter relacionado. Daí podemos falar em textura ou tessitura de um texto: é a rede de relações que garantem sua coesão, sua unidade. (Infante. 1996: 49)

O professor tem que tomar uma posição diante de tais circunstâncias, precisa ser observador ativo do texto tanto oral quanto escrito, buscar despertar o texto que existe no individual de cada aluno, fazer o juntamento desses fragmentos, a partir do seu texto trabalhando para a elaboração de textos coesivos e satisfatórios ao ver dos alunos, superando assim suas expectativas e quebrando o tabu de que nossos alunos não sabem produzir .

Segundo Platão e Fiorin (1997), um texto tem que ser composto de coerência e de sentido, suas frases não podem ser isoladas, não podendo ser apenas uma disposição de seqüência de frases, têm que estar implicadas umas às outras. Se não levarmos em conta essa relação entre uma frase e outra podemos correr o risco de dar sentidos diferentes ao que deveria ter.

Os autores ainda colocam que uma frase pode ter vários sentidos dependendo do contexto que está inserido. *O contexto é a unidade maior em que uma unidade menor está inserida. Assim a frase (unidade maior, serve de contexto para a palavra, do mesmo modo a unidade maior o texto, serve de contexto para a frase.* (Platão e Fiorin. 1997) . O contexto pode trazer idéias claras e informativas quando com palavras ou, pode trazer situações que dependem de uma leitura do contexto, pois o sentido está imbutido no contexto do espaço, da época, ou de quem se fala. Um exemplo interessante foi:

Quando Lula disse a Collor no primeiro debate do segundo turno das eleições presidenciais de 1989. 'Eu sabia que você por fora era colorido, mas caído por dentro' todos os brasileiros entenderam que essa frase não queria dizer você tem cores por fora, mas é revestido de cal por dentro, mas você apresenta um discurso moderno de centro-esquerda mas é reacionário. (Platão e Fiorin. 1997:15, 16)

Já vimos anteriormente que o texto não pode ser formado apenas por fragmentos ele é formado por um conjunto de idéias interligadas e solidárias umas com as outras. De acordo com os autores são vários os fatores que implicam na formação de um texto: é a coerência, nada contraditório, nada desconexo, que nenhuma parte não se solidarize uma com a outra. Os autores também colocam que um texto, às vezes, mesmo sem nenhum elemento de coesão pode ser organizado e construir um sentido lógico é o que podemos ver no texto de Carlos Drummond de Andrade, *O que se diz*.

Que frio! Que vento! Que calor! Que caro! Que absurdo! Que tristeza! Que tarde! Que amor! Que besteira! Que esperança! Que modos! Que noite! Que graça! Que horror! Que doçura! Que novidade! Que susto! Que pão! Que vexame! Que mentira! Que confusão! Que vida! Que talento! Que alívio! Que nada!

Assim, em plena floresta de exclamações vai-se tocando pra frente. (Carlos Drummond de Andrade. Poesias e Prosas Rio de Janeiro, Nova Aguilar. 1983:1379)

Como podemos observar no primeiro parágrafo do texto encontramos a ausência dos elementos de conexão, porém o texto deixa de ser fragmentado e constrói o sentido no último parágrafo, tornando-se um texto coeso. Para os autores, a produção do texto constrói seus sentidos não só pela presença dos conectivos, mas também depende da influência do meio em que o indivíduo está inserido.

Os autores definem que o texto é produzido pelo sujeito dentro de seu espaço social. De acordo com esse espaço ele constrói suas idéias de produção, seus anseios, os

temores as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todos os alunos descrevem em seus textos partes de sua história, de grupo, de seus antepassados, do presente e até uma previsão do que espera para si no futuro. Isso não quer dizer que narra sua história mas que transmite suas idéias e suas concepções em um determinado grupo que vive a história do momento. Podemos fazer uma analogia da produção de texto com as matérias de reportagens da televisão, do rádio, do jornal e de outros meios de comunicação

Cada problema histórico coloca para os homens certos problemas e os textos promunciam-se sobre eles. Por exemplo em nossa época, em que os recursos naturais do planeta correm o risco de esgotar-se, aparece o discurso ecológico que mostra a necessidade de preservar a natureza com vista a manutenção da espécie humana. (Platão e Fiorin. 1997: 17)

Não há texto que não seja ligado aos problemas que afetam uma sociedade, pois a sociedade produz da forma como vê a realidade. Por outro lado devemos lembrar que algumas idéias do passado exercem influência sobre outras do presente e ganha estatuto diante da maior parte da sociedade.

A PRODUÇÃO NAS SALAS DE AULA

Observei o modo como se dá a produção do texto em duas turmas das 5^{as} séries na EMPSG “Cirila Francisca da Silva”, no período vespertino.

No primeiro momento me limitei apenas às observações. Na primeira aula a professora optou por um método de produção a partir de uma música de Sandy e Júnior *Era uma vez*. A professora começou a aula passando a letra da música no quadro e todos os alunos a copiaram. Esse método aplicado pela professora parece num primeiro momento estar relacionado a um dos métodos de produção que Orlandi coloca em seu artigo “A D” o método parafrástico que tem como forma de partida a matriz da linguagem. No entanto, temos que considerar que a aula é um processo e esta ação é apenas o início deste processo. A professora no decorrer da aula usa uma dinâmica prazerosa e agradável despertando o interesse do aluno. A partir da música traz os alunos para a realidade deles, pois boa parte destes alunos moram na zona rural não têm acesso a meios de comunicação ou maiores contatos com a vida urbana. Com esse trabalho ela busca valorizar o espaço que quase todos os alunos, vivenciam.

Num segundo momento a professora toca a música para que os alunos ouçam para que percebessem o ritmo e a oralidade. Este modo de trabalhar da professora se contrapõe ao que diz Bernardo afirmando que a escola é um dos principais agentes da falta de criação por parte dos alunos na produção textual, pois usa método pedagógico quase que tradicional, fragmentando o raciocínio no aluno.

Pude perceber também que os alunos acompanharam a música cantando juntos, sendo que só alguns alunos não tiveram muito interesse pela mesma. Em seguida a professora fez a releitura da música e a interpretação de todos os seus versos segundo sua própria visão. Posteriormente fez perguntas sobre os versos da música, em grupo e individualmente, onde obteve respostas de boa parte dos alunos. Durante a interpretação a professora fez relações dos versos com diversos contrastes e características da sociedade tais como: pobreza e riqueza, arrogância e simplicidade, zona rural e zona urbana, a desumanidade, o poder e a humildade, moral e ética, riqueza de espírito e riqueza material. Apesar da prática pedagógica inovadora a professora não deixa de apresentar pequenos vestígios do tradicionalismo ao explicar a letra segundo sua visão e hierarquicamente dar voz aos alunos depois da sua.

Entretanto ela consegue se redimir posteriormente ao deixar claro que dependendo do ponto de vista individual, a música pode ter outras leituras, para ela a produção e a interpretação é polissêmica. A professora foi coerente explicando de forma bem

compreensiva aos alunos a variedade de sentidos que o texto pode trazer, ainda deu exemplos, afirmando que, o que é simplicidade para ela para outra pessoa pode não ser, afirmou que o sentido da palavra ou frase depende de quem interpreta. Em seguida ela propôs a produção de um texto, não sobre a música, mas sobre o que os alunos conseguiram resgatar da música.

A professora delimitou vários títulos que poderia ter cada texto, de cada um, porém deixando a produção do texto a critério do aluno, podendo o aluno fazer um texto que retrate sua história, sua vivência ou seja que esteja ligado a seu próprio contexto. Já vimos com Orlandi que o aluno possui um contexto próprio e o texto é produzido partindo de sua interpretação de mundo. Essa produção vai ter os traços marcantes de sua história e a personalidade do próprio aluno.

Outro fato positivo que pude observar foi o acompanhamento dado pela professora durante a produção de texto proposto. Essa forma de trabalhar a produção vem de encontro com a proposta de Bernardo, que defende a idéia de que para construir o saber o professor precisa ser um mediador de idéias, ser o caminho e a fonte por onde os alunos vão firmar suas idéias construir seus saberes.

Durante essas observações pude constatar que tanto alunos da 5ª série "A" quanto alunos da 5ª série "B" tiveram o mesmo tratamento e método aplicados para a produção textual.

Uma questão que me chamou a atenção foi a questão da organização da aula e do tempo. Para fazer as observações acompanhei em dias alternados três aulas de quarenta e cinco minutos na quinta série "A" e três aulas na quinta "B". Depois de observar a forma de produção aplicada nas duas quintas séries o ponto falho que constatei foi um cronograma não muito eficaz, uma vez que o tempo disponível para a produção propriamente dita ou seja para a escrita do texto foi de apenas quarenta e cinco minutos, tempo insuficiente para uma produção de boa qualidade.

Esse ponto falho que foi mencionado e que ocorre na maioria das vezes pode ser em virtude da disposição das aulas, pois os professores trabalham com um tempo limitado, a grade curricular não oferece muitas alternativas e isso vem refletir no trabalho do professor que é tomado como responsável pela não produção, e no aluno que não sabe produzir, não tem idéias, não tem leitura e muitos outros adjetivos que são dados para ambos.

Outra forma de coleta de dados que utilizei foram as entrevistas com os alunos e também com a professora. Fiz um sorteio e escolhi três alunos aos quais dirigi ao todo quatro perguntas. A primeira delas foi:

1 – Em que você acha que a música contribui para sua produção de texto?

Diante da pergunta feita, a aluna A afirma que *a música foi útil nas elaborações das idéias* e ainda disse que *se sentiu mais a vontade para produzir*, do aluno B obteve a mesma resposta dada pelo aluno A. cumpre esclarecer que as entrevistas foram feitas em conjunto daí esta influência.

O aluno C responde que a música colaborou na produção e na montagem das idéias. De modo geral todos os alunos entrevistados deram as mesmas respostas à questão formulada.

As respostas dadas à primeira pergunta , pelos alunos A, B e C nos dá a entender que é importante o professor criar mecanismos eficazes com o objetivo de despertar aptidão e segurança aos educandos para transferir suas idéias para o papel.

Num segundo momento perguntei aos entrevistados, em que a interpretação que a professora fez da música lhe ajudou na compreensão e produção do texto?

A aluna A afirmou que *abriu uma nova visão de conhecimento da vida e das diferenças existentes dentro da sociedade*. O aluno B diz que quanto à interpretação *considera boa porque a professora consegue transmitir a idéia do texto*. Já o aluno C afirmou que a interpretação feita pela professora foi boa porque mexeu com o sentimento dele de forma positiva. De acordo com tais respostas podemos constatar que a forma de trabalho utilizada pela professora atingiu as expectativas dos alunos, pois trouxe para a sala algo quase que ligado a realidade do aluno, pois conseguiu alcançar boa parte da história de seus alunos.

Dois dos alunos entrevistados deixam claro que o trabalho da professora com o texto fez com que eles revissem suas próprias posições, seus conceitos, enquanto que o terceiro manteve a idéia tradicional de que a professora ensina e o aluno aprende.

A minha terceira indagação aos alunos foi a seguinte: Você considera o método positivo? A aluna A diz: *o método aplicado pela professora é muito vantajoso*. O aluno B diz que está de pleno acordo com a aluna A. O aluno C coloca que quanto ao método para ele *abriu os horizontes das idéias uma vez que minha dificuldade é a falta de idéias na hora 'h'*.

Os dois primeiros alunos deram respostas vagas à questão formulada enquanto que o terceiro aluno parece deixar transparecer a idéia de que o método da professora estimula a construção de conhecimento pelo aluno.

Em minha última indagação, questionei os alunos sobre suas dificuldades na hora de produzir um texto. A aluna A respondeu que *as dificuldades era por falta de iniciativa , ... por falta de explicações sobre o assunto abordado*, resposta essa que também obteve dos alunos B e C.

Diante das respostas obtidas dos alunos entrevistados, é possível afirmar a importância de existir respeito por parte do professor, em relação a posição histórica, econômica e cultural de cada aluno. Assim teremos um avanço muito grande para o desenvolvimento e produção de texto por parte do aluno em sala de aula. Os procedimentos usados pela professora no trabalho de produção de texto nas turmas observadas se contrapõem com o que diz Bernardo em seu texto *O ensino*, quando o autor afirma *que aluno articula mal seus pensamentos e uns dos principais agentes para essa falta de expressão são a escola e o professor*.

Para comprovar os dados positivos ou negativos ao término das aulas destinadas ao processo de produção, recolhi os textos elaborados pelos alunos, fiz a leitura dos mesmos para levantar alguns dados que fossem pertinentes as minhas observações. Desses textos alguns irão em anexo a este trabalho.

Analisei todos os textos e constatei que os alunos apresentam deficiência na ortografia, na gramática e nas concordâncias o que segundo Lajolo não condena o aluno à condição de péssimo produtor de texto. Do meu ponto de vista, quanto ao trabalho observado, percebi que o resultado obtido se contrapõe com um pensamento elaborado no início da obra de Geraldi quando ele diz que *a proposta de produção nas escolas são 'vazias' tanto no quadro da produção quanto no quadro da interpretação*, pois o que observei é que os alunos produzem textos que apesar de não obedecer às regras, às técnicas e trazer a falta de alguns conectivos, apresentam idéias bem elaboradas.

Retomei minhas observações assistindo a mais duas aulas em cada uma das quintas séries. A professora começou a aula propondo a interpretação da música trabalhada nas aulas anteriores, relacionada ao texto produzido por eles. Ela elaborou quatro questões objetivas, deu acompanhamento individual aos alunos na resolução da atividade.

No final da aula recolhi as questões resolvidas pelos alunos. Analisando-as pude constatar que as respostas dadas por eles estão em conformidade com os textos produzidos pelos mesmos.

O NÍVEL DE PRODUÇÃO NA CONCEPÇÃO DA PROFESSORA

Ao fazer a entrevista com a professora quanto ao trabalho de produção de texto em sala de aula das quintas séries da EMPSG “Cirila Francisca da Silva” pude constatar alguns pontos relacionados às minhas observações quanto a produção de texto, na ordem que foram propostas.

Na primeira pergunta dirigida a ela busquei saber há quanto tempo ela trabalha com língua Portuguesa e como ela vê o trabalho de produção? Obtive a seguinte resposta:

Ainda não estou habilitada mas estou terminando o curso de letras, pela UNEMAT e trabalho a uns dois anos. Quanto ao trabalho de produção principalmente nas 5^{as} séries é muito relativo uma vez que os alunos da EMPSG “Cirila Francisca da Silva” vem de sala multi-seriada, traz algumas dificuldades, ortográficas, na gramática e também encontro alguns alunos com dificuldade nas ligações das idéias.

Diante dessa resposta o que me parece é que a preocupação da professora está voltada mais à qualidade do texto do que relacionada ao contexto ou seja o sentido que constitui o texto num todo para o aluno. Isso também podemos ver quando Platão e Fiorin colocam que um texto mesmo sem nenhum elemento conectivo pode ser organizado e constituir um sentido lógico.

Já quando perguntei quanto ao método utilizado ela disse: *sempre que trabalho com produção o primeiro passo é comentar sobre o tema relacionando-o a realidade do grupo, levanto a discussão em sala inclusive proporcionando debates. Também tem vez que coloco uma música com som ambiente e a partir daí dá-se início a produção textual.*

Nesse caso o trabalho da professora se contrapõe ao pensamento de Severino para quem, o professor carrega uma ideologia conservadora de uma escola fechada uma vez que a professora busca inovações em seu método. Indaguei-a sobre os resultados obtidos e ela argumentou que *como já foi dito anteriormente é relativo alguns se mostram mais aptos e outros não, ainda complementou que não sabe se é porque não interessaram pelo assunto ou é porque não entenderam a proposta.* Para Orlandi isso acontece porque a historicidade do ser humano é individual, e a história do sujeito tem que estar no texto que o mesmo compõe, pois cada indivíduo possui um contexto próprio.

Também perguntei a que ela atribui os bons resultados e também os resultados negativos. Segundo ela os bons são decorrentes do interesse dos alunos e os negativos ela assumiu.

Quanto a não produção com qualidade por parte dos alunos ela afirma *que é por falta de leituras e diz que os alunos deveriam ler mais, fazer mais leitura não importa o nível, para adquirirem melhores qualidades na produção escrita.*

Podemos observar que pela resposta a professora entra em contradição. Num primeiro instante ela assumiu a culpa da não produção com qualidade e em seguida transferiu essa culpa para os alunos, culpando-os por falta de leitura.

Alguns autores mostram que a falta de hábito de leitura, na maioria das vezes não é culpa do aluno. Segundo Bernardo (1996) Isso é herdado da família (pais) que não possui nenhum hábito de leitura muito menos de redigir e reclama que a juventude *não lê*.

Perguntei à professora que analogia ela faria entre a produção oral e escrita de seus alunos. Ela respondeu que *tem uma grande diferença; a maioria dos alunos para se expressar não tem dificuldade, pois a oralidade não exige normas técnicas. Enquanto que a produção escrita requer alguns mecanismos.* Neste aspecto a professora está em consonância com o pensamento de Infante. Segundo este autor a escrita tem normas próprias, tais como regras, ortografias, concordâncias que muitas vezes não são utilizadas na oralidade.

Procurei saber da professora, se ao ver dela os alunos não produzem melhor por falta de informações necessárias, ela respondeu que *Com certeza os alunos deveriam ter mais acesso à leitura, jornais, revistas e outros meios de informações.*

Vejo que a EMPSG “Cirila Francisca da Silva” é alvo dessas faltas de informações, pois a mesma foi criada recentemente ainda passa por um processo de criação e reconhecimento e não houve nem tempo, nem recursos para investir em um acervo ainda que mínimo. A partir deste ano é que se começa um trabalho nesse sentido. Ainda podemos destacar que algumas dessas dificuldades podem estar ligadas à razão dela ser uma escola da zona rural. Isso pode estar contribuindo para a dificuldade na aquisição de materiais e outras fontes de informações que são destinadas ao desenvolvimento do aluno.

Em minha última pergunta à professora procurei saber quais perspectivas ela tem para que os alunos alcancem melhor qualidade na produção textual. Ela disse que *enquanto professora de Língua Portuguesa ao meu ver os alunos deveriam ter hábito de leitura, só assim eles teriam condições de produzirem com mais qualidade.* Ainda reafirma que uma pessoa sem informações fica difícil tanto para questionar quanto para argumentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizadas minhas observações e levantamento de dados colhidos nas quintas séries da EMPSG “Cirila Francisca da Silva”, constatei que o sistema de trabalhar a produção de texto pela professora que ministra aula de Língua Portuguesa nas séries e na escola acima mencionadas não está em conformidade com o que colocam em suas visões alguns autores com relação a produção textual em sala de aula.

De modo geral em seus escritos muitos autores e especialmente aqueles nos quais me embasei, colocam que a escola carrega uma imagem conservadora, tradicional e não abre espaço para a criatividade dos alunos. Porém o que pude observar foi uma professora empenhada e estimulada prendendo a atenção dos alunos, usando um método bastante produtivo. Através da música ela busca a realidade do aluno, inserindo-os dentro de seu contexto.

A forma de trabalho que foi desenvolvida junto a esses alunos insere-se na proposta de Orlandi. Segundo ela *o sujeito se representa de maneira bastante diversa num mesmo espaço textual* e a professora proporciona condições para isto. Por outro lado, pude observar durante as aulas pesquisadas que a forma de trabalhar a produção pela professora vem a calhar com as propostas colocadas por autores como Orlandi para quem produzir é buscar significado.

Concluo com esse trabalho que ensinar produção de texto é partir para o novo, para a fronteira inexistente, para o mundo infinito das palavras e do pensamento, é ter coragem de inovar, buscando no passado um significado para idéias que aí estão.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Severino Antonio. Redação escrever e descrever o mundo. 8 ed. Campinas SP: Papirus, 1992.

FARACO. Carlos Alberto. Prática de Texto: Língua Portuguesa para Estudante Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FRANCHI. Englê Pontes. E as crianças eram difíceis - : A redação na escola São Paulo: Martins Fontes, 1993

GERALDI, João Wanderley. O Texto na sala de aula. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000

INFANTE. Ulisses. Do texto ao texto, Curso Prático de Leitura e Redação.. 5 ed. São Paulo Scipione, 1996.

KOCK. Ingedore Grunfeld Vilhaça. O Texto e construção dos sentidos. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

ORLANDI. Eni Pucinelli. Análise do discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas SP: Pontes, 2000.

PLATÃO E FIORIN: Lições de Texto: Leitura redação. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXOS

Produza um texto a partir da música
cantando em sala "Era uma vez"

A Riqueza contra a pobreza

Era uma música vista em sala de
aula, com Randi e Junior, me deu
uma ideia "Era uma vez um Rico
e um pobre o rico tinha de tudo na
sua fazenda tinha uma mansão
e o pobre humilde tinha um barraco.
o rico tinha carro, moto, e outros
tipos de transporte todo as vezes que
ele ia na cidade ele trazia mulher
e se que não faltava na sua fazenda
o pobre tinha o que comer porque
ele trabalhava para o rico e o
rico desprezava o pobre mas as pessoas
não deve ser poderoso no tem que ter
"Simplicidade" no tem que ter amor
as pessoas no tem que ser humilde
como diz "A riqueza contra a
simplicidade" no tem que ter amor
as pessoas e ter amor as nossas
coisas.

A Música vista em sala de aula de Davidy e Junior, Era uma vez. fala sobre a amizade

A amizade é um ato que todos tem que ter uns com os outros porque nós todos damos sinais mas muitas pessoas gostam de desprezar os outros por causa de outras pessoas e ele não pensa que um dia ele pode ser desprezada por uma ~~pessoa~~ pessoa.

A partir da música a gente pode ver que "Pra gente ser feliz, tem que cultivar nossa amizade?"

A amizade é algo que todos tem, com ela a gente pode conhecer muitos e outros pessoas.

Amiz 5:13

ALUNO

AMIZADEL DAMACE NO

DE SOLUZA

A música cantada em Salade aula
"Era uma Vez" música nos fala que para
ser feliz não depende de riquezas e ter muitas coisas.
Para nós sermos felizes basta a gente ser
humilde, porque nós sem a humildade
nós não somos ninguém neste mundo.

Porque se nós formos bancar as
rezo, nós não conseguiremos alcançar algo
de bom nas nossas vidas.

"Mais Vale Amizade na Braça
do que dinheiro em Caixa", esse ditado que é
bem popular nos mostra que o dinheiro
não é tudo na vida da gente.

Produz um texto, a partir da música
 escrita em prosa. "Era uma vez"

Amigos

A música escrita em prosa de "Sondy e Yvonne"
 fala sobre a amizade e os amigos. Para nós
 temos a "sua amizade, amigos que vivem
 os nossos amigos, porque ela pedem a "hum"

e a paci.

"nos temos que lutar por nossos

amigos". Nós temos que ter "nossos

amigos" em qualquer parte do mundo,

força muito grande com os nossos. Se

conseguirmos ter um amigo quando não temos

temos amigos, precisamos daquela pessoa.

para nos termos uma amizade maior.

Por isso temos que ajudar para nos

força uma amizade.

Amizade

A música ouvido em sala de aula de Sandy E Júnior. "Era uma vez" fala sobre a importância de ter amigos.

A amizade é dar paciência e ajuda ~~para todos~~ e fazer novas amizades.

É todas as pessoas tem seu valor igual, a "riqueza não nos trás felicidade" que nos trás felicidade é ser Humilde e respeitar as pessoas e os direitos. tem muitas pessoas que não importa de fazer amizade, mas é bom porque tem amigos e eles não ficam sozinho, e não desprezados por ninguém.

E a amizade é algo muito importante para todos, porque através delas muitas pessoas tem a felicidade.

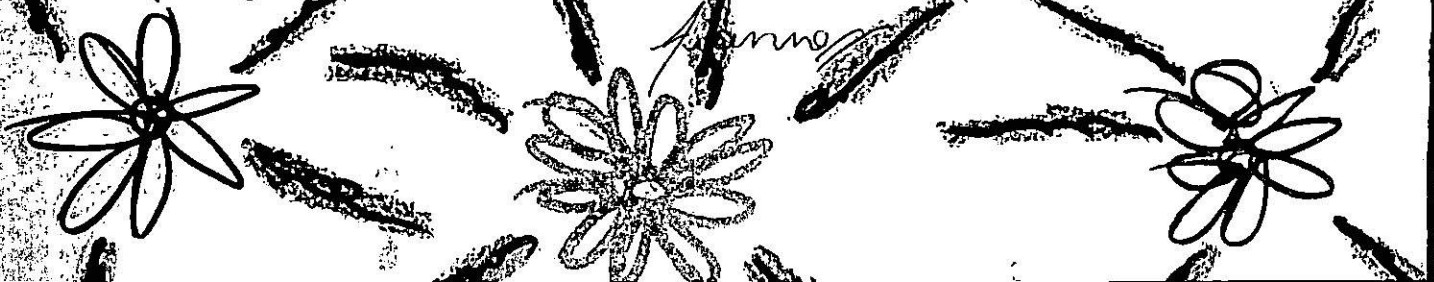
"Sandy E Júnior"

Nome - Arianne Batista Spira Data - 25-06-2001

Trabalho: Português

A Amizade

A partir da música "Gra Uma Vez" da Sandy e Júnior ouvindo na sala de aula eu entendi que a amizade está por cima de tudo, que sem a amizade um ser humano não pode viver, porque um precisa do outro, não tem sentido ser rico ter tudo que quiser mas não ter a amizade, amizade é tudo que nós precisamos. Temos que fazer o que for para ter os amigos do nosso lado, a música que ouvimos é muito importante, fala que "para ser feliz tem cultivar os nossos amigos", nós sempre temos que respeitar os nossos amigos, nunca deixar de socorrer-los nas horas de dificuldades e temos que fazer de tudo para os nossos amigos, para que cada um que passar ter mais e mais amigos.



A amizade.

A partir da música ouvida em sala de aula, "Era uma vez" de Sandy e Junior fala sobre a amizade.

A amizade é um ^{sentimento} ~~ato~~ que todos tem e é muito bom para todos, mas devemos passar por cima de outra pessoa, pensando que é a maior. Não devemos maltratar ninguém.

A amizade é um ato de amor que todos nós devemos ter, respeitar mas não maltratar, temos que ser humilde e não orgulhoso.

As pessoas tem que ser educada também, para não maltratar ninguém, também não ficar brigando com todos.

Serie 5º B

Amizade

A música levada em bola de aula da Dandy e
famosa que fala sobre a amizade, a amizade é
muito importante, mas não
adivinto ter a maior riqueza do mundo e
não ter a amizade com todos, grandes,
pequenos, a amizade é tudo não tem
sentido ser rico e não ter a amizade.
A amizade é a primeira coisa que nós temos
que ter a música que nos ensinamos, eu ad-
ei muito importante a qual fala que "para
ser feliz tem que cultivar as nossas amiza-
des".

Uma história Real

24 06 2001

Serie = 5º B

A partir da musica eu entendi que a gente tem que respeitar os direitos das pessoas, e não precisa ser rico para ter mais valor pra gente ter o mesmo valor. precisa de ter amizade a amizade e a coisa mais valerosa pra nós, porque se a gente não ter a amizade nós estaríamos isolados ou seja perdidos a amizade é bastante legal a gente faz amigos e se diverte pra caramba.

Produzo um texto a partir da música ouvida em sala "Era uma vez" por (Sandy e Junior)

A amizade

Era uma vez amizade com a outra amizade uma mostrando para a outra quem para mais amizade. Nós sabemos que a amizade nunca pode se acabar, mas tem muitas pessoas que faz o bem e o mau como o rico que não ajuda para o pobre, porque ele acha que ele é maior que todo, mas é nada, tem muitos ricos que acha que é rico. Se os ricos fosse muito rico eles compraram o mundo, mas como ele não dá conta de comprar o mundo ele compra carro, moto, casas, móveis e outros tipos de coisas, mas não tem pessoa que é mais rico que Deus, porque ele criou o mundo criou o ser humano, animais e a natureza, e tem muitas pessoas que querem acabar com a amizade, então vamos compreender a amizade

Roberto Anderson da Silva

Dê a carta com música. É a mesma n.º 3, igual a receita Para sermos felizes. Explique?

Pa... ..

Explicar... ..

2. A música fala que é refúgio contra simplicidade
uma mestrande para atrair quem dá mais
felicidade na sua opinião quem dá mais?
felicidade há... ..
felicidade... ..
mais... ..

3. Há sua opinião o que é ser feliz?

Ser feliz... ..
dando... ..
família... ..

4. Era uma vez um lugazinho no meio da
roda com sabor de chocolate um cheiro de terra
molhada e que esse trecho da música.

deixe como sugestão Para você. Explique?

É de trecho... ..
no... ..
existe... ..
so... ..

será: 5º B

nº 17

Exploração individual da música
"Era uma vez." de Sandy e Júnior
nome: Vinícius Lopes Tome

① De acordo com a música "Era uma vez"
qual é a receita para sermos felizes?
A receita para sermos felizes é não maltratar
as pessoas, não desprezar as pessoas e ser
unidos, uma com a outra.

② A música fala: a riqueza contra a
simplicidade, uma mostrando pra outra
quem dá mais felicidade? na sua
opinião quem dá mais felicidade?
A simplicidade.

③ Na sua opinião o que é ser feliz,
ser feliz é ser uma pessoa alegre, uma pessoa
que não depende do que faz.

④ "Era uma vez, um lugarzinho no meio do nada
com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada"

⑤ Que esse trecho da música deixa como sugestão
pra você? explique, deixa como sugestão pra
mim que um lugarzinho no meio do nada
mas aquele lugarzinho é feliz, aquele lugarzinho
não tem tristeza e é com sabor de chocolate.

Exploração individual da música Era uma vez de Sandy e Junior

- ① De acordo com a música Era uma vez qual é a receita para sermos felizes. Explique ter amor e fazer muitos amigos e respeito a todas pessoas
- ② A música fala a riqueza contra a simplicidade mostrando para nós quem stava mais felicidade, na sua opinião dá mais felicidade ser rico e muito bom mais a simplicidade dá mais felicidade pois as pessoas gostam do jeito do jeito que a gente é não pelo dinheiro
- ③ Na sua opinião o que é ser feliz. É está de bem com a vida e gostar a sua volta
- ④ Era uma vez um lugarzinho no meio do nada, com sales de chocolate e cheio de Terra molhada

O que esse trecho da música deixa como sugestão para você? Explique

Eu gosto muito de está num lugar como este junto com os amigos e todas pessoas que eu gosto

Niterói Nº 25 "5º" B

De acordo com a música "Era uma vez" qual a "receita" para sermos felizes? Explique.

A receita para sermos feliz é amar uns aos outros e fazer sempre o bem as pessoas. A música fala que a "riqueza" combra a "simplicidade", uma mostrando para outra quem dá a maior felicidade na sua opinião quem dá a maior felicidade?

Na minha opinião quem dá a maior felicidade é a simplicidade, porque as pessoas mais simples vivem melhor.

Na sua opinião o que é ser feliz?

Ser feliz é viver de bem com a vida, estar num clima legal e estar num lugar com minha família curtindo a vida.

"Era uma vez um lugarzinho no meio do nada, com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada".

O que esse trecho da música deixa como sugestão para você? Explique.

Este trecho nos mostra que este lugar "lá no meio do nada" é um lugar onde não existe bandido e um lugar bem homesteadado, só existe paz, amor, e felicidade.

Exploração individual da música.

"Era uma vez" de Sandy e Júnior.

1. De acordo com a música "Era uma vez"
Qual é a "receita" para sermos felizes? Explique.
A "receita" é cuidar a vida.

2. A música fala a respeito contra a simplicidade, uma mostrença para outra quem do-
ra mais felicidade "no-sua" opinião quem
da mais felicidade?

A simplicidade mostra que de mais
alívio e felicidade e carinho para
toda as pessoas.

3. Na sua opinião, o que é ser feliz?

A minha felicidade é estudar e me
divertir com meus amigos.

4. "Era uma vez, um lugarzinho no meio do
mato com sabor de chocolate e cheiro de terra
molhada.

O que esse trecho da música, deixa como
sugestão você? Explique.

Canta que tem um lugarzinho lá
no meio do mato tem uma casa
com sabor de amor, e carinho.

Exploração individual da música
"Era uma vez" de Sandy e Júnior.

① De acordo com a música "Era uma vez", qual é a "receita" para sermos felizes?

Primariamente tem que fazer a amizade, com as pessoas, e ser felizes ao lado dos amigos de verdade.

② A música fala: "A riqueza contra a simplicidade, uma mostrando para outro quem clama mais felicidade?" na sua opinião quem clama mais felicidade?

É a simplicidade, porque as pessoas tem que ser simples, humildes, educadas, com Deus, pais, irmãos e amigos, e com respeito.

③ Na sua opinião o que é ser feliz?

É ser alegre, ter paz, amor, compreensão entre as pessoas e conversar com elas.

④ "Era uma vez, um lugarzinho no meio do nada, com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada".

O que esse trecho da música, deixa como sugestão para você? Explique.

Para mim esse lugar é cheio de paz, amor, carinho, não existe morte, só os passados e futuros...

Maria.

Série: 5ª N: 11. B.

① De acordo com a música "Era uma vez" de Sandy e Júnior qual é a receita para sermos felizes? Explique.
Para ser feliz tem que respeitar os amigos e cultivar as nossas amizades.

② A música fala "a riqueza contra a simplicidade", uma mostrando para outra quem dá mais felicidade na sua opinião quem dá mais felicidade às duas. Quem dá felicidade des de que as pessoas respeita as outras.

③ Na sua opinião o que é ser feliz?
É respeitar as pessoas e sempre viver em harmonia com as outras.

④ Era uma vez uma luzorzinho no meio do nada com sabor de Chocolate e cheiro de Terra Molhada que esse trecho da música deixa como sugestão para você? Explique esse lugar eu gostaria de levar muitas pessoas e minha amada e um lugar onde eu nunca iria esquecer.

Adalberto

Exploração individual da música Era uma Vez de Sandy e Júnior

1 De acordo com a música "Era uma Vez" qual a receita para sermos felizes? Explique.
Para ser feliz tem que respeitar os amigos e cultivar os nossos amigos.

2 Li música fala a riqueza contra a simplicidade, uma mostrando para outra que dá a mais felicidade. Na sua opinião quem dá mais felicidade?

Eu dou a mais felicidade de qual as pessoas respeita os outros.

3 Na sua opinião o que é ser feliz?
Eu respeito as pessoas e sempre vivo em harmonia com os outros.

4 Era uma vez, uma lugarzinha no meio do nada com sabor de chocolate e cheiro de terra molhada. Que esse trecho da música descreva uma sugestão para você? Explique.
Esse lugar eu gostaria de levar muito pessoas como meus amigos e um lugar de eu nunca mais esquecer.